

ESCREVER

O QUE, ALÉM DAS PALAVRAS, ALCANÇARIA A FAÇANHA de circunscrever nossas dores?

Sou aspirante a escrever poemas e outras tantas e tontas coisas. Escrever é uma forma de desnudar-se diante do outro e deixar vir à tona o *mal-dito*, elegendo a palavra *bem-dita*.

Sem método, escrevo, subescrevo e reconstruo a errância da existência. Atualmente, me dou a liberdade da escrita, atrevo-me a fazer uso da licença poética, me autorizo, me esforço e ousa até fazer rimas tímidas.

Escrevo a partir do que me atravessa, de meus afetos e restos. Escrevo porque preciso esvaziar o que me atormenta e, assim, espantar os ruídos íntimos que abismam o mais recôndito de mim. Na escrita, precipitam-se meus silêncios e recupero memórias.

Ao escrever, navego de um lado para outro, dentro de mim.

AS PALAVRAS QUE VÃO PARA O PAPEL EM GERAL SÃO aquelas grafadas na carne, carecendo ser ressignificadas, reescritas, na tentativa de dar conta do que assola. Uso a palavra escrita como expansão de mim.

A escrita me conecta com minha história, minhas questões, e não deixa de ser um caminho que desemboca na elaboração do que me morde.

Escrevo as tristezas, as angústias e os desencantos para dissipar o obscuro que em mim chora e por vezes abruma minh'alma. A escrita é uma estratégia de sobrevivência, de expurgação e atravessamento da dor. Traz ainda a possibilidade de diluir meus medos de existir.

Quando o não dito prevalece e impossibilita a palavra falada, a palavra escrita é desabafo – uma saída imperativa. Transformar o que é da ordem do insuportável em escrita, eis uma forma de sublimação.

Gosto de catar palavras e amontoar frases; elas me abrigam do mal-entendido do silêncio.

“MAL COMEÇASTE A CONHECER A VIDA/ JÁ ANUNCIAS A hora de partida”.⁴

Quando minha irmã morreu, aos quatro anos de idade, eu tinha seis; não sabia escrever e tampouco falar da minha dor.

Tive de suportar o silêncio e nunca fui capaz de entender por que as crianças morrem. Eis uma pergunta eterna. Nem a vida, nem a análise me deu pistas para resolver esse enigma. A morte de uma criança é uma crueldade sem tamanho. Acho que deveríamos ter um pacto com Deus para que as crianças nunca morressem. Seria a morte de uma criança distraimento divino?

Às vezes, penso como seria a vida, se ela não tivesse morrido. Era a caçula, a preferida da família.

Após a sua morte, sobrevivi com o peso de valer por duas, até que minha outra irmã nasceu, e esse legado lhe foi transferido, para sua infelicidade. Pude então novamente valer por uma só, o que já era demasiadamente difícil.

Escrevo por absoluta necessidade. Minha escrita é reversa.

Não sou senhora da minha escrita, as palavras atravessam-me e desabam no papel.